

Casas-Torre ainda existentes nos arredores de Braga

JOSÉ JOÃO RIGAUD DE SOUSA

O estudo da arquitectura civil medieval é, por toda a Europa, bastante difícil já que os elementos que restam são muito poucos e estão quase sempre muito modificados através de sucessivas reconstruções. Por certo que é esta a razão porque os nossos estudiosos se têm afastado deste tema. Em outros países como a França, Alemanha e Inglaterra graças às técnicas aperfeiçoadas de arqueologia muito se tem avançado neste capítulo.

O estudo da casa não interessa só à arquitectura mas vai-nos fornecer dados que permitem aperfeiçoar o conhecimento do modo como viviam as populações de então.

Este breve trabalho destina-se só a chamar a atenção para uma série de torres-solares que existem junto das margens do Cávado na região bracarense e que são merecedoras de um estudo aprofundado não só individualmente como no seu conjunto. São elas a torre de Geraz na margem esquerda do rio e as de Dornelas, Vasconcelos, Castro, Gomariz e Penagate na margem direita. Poder-se-ia talvez incluir a torre do Paço ou dos Coimbra na freguesia de Santa Marinha de Oriz (concelho de Vila Verde) mas parece-nos preferível deixá-la de fora, apesar de todo o interesse que merece pelo facto de nos parecer neste momento que não está relacionada com as restantes do modo íntimo como essas estão.

Mas, antes de entrarmos propriamente no assunto, parece-nos útil lembrar o que se conhece actualmente sobre as habitações senhoriais da Idade Média, muito em especial sobre as que eram fortificadas.

Antes do mais temos de fazer a distinção entre os materiais utilizados na sua construção, a madeira e a pedra. Nenhum deles contudo pode ser visto como caracterizador da importância social, nível de fortuna ou mesmo de época, podendo-se só dizer que a pedra começou a substituir a madeira a partir do séc. XI⁽¹⁾.

(1) Michel de Boüard, *Manual de Arqueologia medieval*, 1977 (trad. da ed. francesa, Paris, 1975).

O DISTRITO DE BRAGA

As casas de pedra, que são as que nos interessam para o nosso caso, eram, em geral, fortificadas e não obedeciam a qualquer planta tipo mas podemos distinguir nelas três elementos fundamentais: a *aula* ou mais raramente a *sala*, a habitação privada ou *câmara* e a *capela*.

A *aula* seria um edifício rectangular que nos finais do séc. XII constava de um salão de gala sobre um piso térreo onde se situavam a cozinha e a dispensa. A partir do séc. XIII são geralmente de um só piso pois as instalações do piso inferior são levadas para uma construção adven-tícia. Se existia uma torre as dependências residenciais podiam situar-se nela. A aula ocupava então toda a superfície de um piso. Este esquema manteve-se longo tempo pois é o que vamos encontrar no Paço de Nespereira⁽²⁾, solar-torre do séc. XVI. A espessura das paredes ou dos contrafortes dos ângulos era aproveitada para instalar pequenas dependências utilizadas como sanitários, conductas de água, etc. A partir do séc. IX nas grandes salas havia, frequentemente, um fogão e chaminé, abertos também na espessura da parede. É preciso notar que se não conhece a existência de capelas nas torres.

As várias plantas a que obedeciam as torres podem-se agrupar em dois tipo:

a) *Rectangular*, a forma preferida no séc. XII, flanqueadas por vezes por torreões circulares, como acontece em Vincennes.

b) *Poligonal*, forma que poderá ser a evolução, sob o ponto de vista funcional, da anterior. Na Inglaterra aparece entre 1165 e 1180 (Oxford, Childham), depois de 1210 os reis de Inglaterra deixam de utilizar esta planta que só será usada, raras vezes, nos castelos senhoriais. Em França a sua cronologia é difícil de se estabelecer. Tinha como vantagem eliminar os ângulos rectos muito vulneráveis aos projecteis e arietes substituindo-os pelos obtusos que eram mais resistentes.

c) *Circular*, tinha a vantagem de resistir aos projecteis e de um observador colocado em qualquer um dos seus pontos abarcar muito maior horizonte que nas anteriores. Era também de construção mais económica por nela ser usada menor quantidade de material mas, por outro lado, a técnica de construção era mais difícil. É um tipo muito antigo, por exemplo, as torres que protegiam Paris no séc. IX eram redondas.

Posto isto, vejamos quem podia construir estes imponentes monumentos. Durante muito tempo foi opinião corrente dos investigadores como, por exemplo, Ferdinand Lot, que qualquer homem audaz construía uma torre e a guarnecia⁽³⁾. Mais tarde historiadores do direito medieval como R. Aubenas e J. Yver⁽⁴⁾ emitiram opinião diametralmente oposta à

(2) J. J. Rigaud de Sousa, *O Paço de Nespereira e o «Segredo do Abade»* de Arnaldo Gama, «Distrito de Braga» 2.ª série, vol. II, Braga, 1977.

(3) Ferdinand Lot, *Études sur le règne de Hugues Capet*, Paris, pág. 236.

(4) R. Aubenas, *Les chateaux forts des Xe e XIe siècles*, *Contributions à l'étude des origines de la féodalité*, *Revue historique de droit français et étranger*, 4.ª série, XVII, 1938; J. Yver, *Les chateaux forts en Normandie jusqu'au milieu du XIIe siècle*, *Bulletin des Antiquaires de Normandie*, LIII, 1955/156, págs. 28-121, cit. por Boüard, *loc. cit.*, pág. 146.

até aí aceite. Michel de Boüard é de opinião⁽⁵⁾ de que só as fortalezas de madeira e as de terra é que poderiam ter sido construídas sem autorização enquanto que as de pedra deveriam por certo ter sido edificadas ou pelos poderes públicos ou com o seu conhecimento e acrescenta que seria interessante fazer o mapa de estas fortificações em relação a cada grande senhorio. Este autor verifica que em França a sua implantação obedece a um carácter anárquico enquanto na Inglaterra onde a organização feudal foi introduzida mais lentamente se verifica que toda a espécie de castelos obedece a um plano estratégico.

Até hoje, em Portugal, não foi tentado qualquer estudo nesse sentido apesar de no norte do País os castelos e torres serem numerosos. Por exemplo Figueiredo da Guerra⁽⁶⁾ refere a existência de mais de meia centena de torres solares no Alto-Minho, muitas das quais chegaram até aos nossos dias. É o traçado dessa carta um dos motivos que me levam a ocupar das torres-solares existentes ainda hoje nos concelhos de Amares e Vila Verde e uma no de Póvoa do Lanhoso⁽⁷⁾.

Outro, e por certo de não menor interesse, é a relação dos laços familiares entre os seus proprietários.

Passemos agora a ocupar-nos de cada uma delas descrevendo-a, procurando datá-la e estabelecer a genealogia dos seus possuidores.

1. CONCELHO DE AMARES

1.1 Torre de Vasconcelos

Situa-se na freguesia de Ferreiros (conc. de Amares) mais conhecida por Feira-Nova, no lugar de Vasconcelos e junto à capela de Sta. Luzia. Esta dista do solar cerca de uns cinquenta metros para norte e é actualmente uma construção dos sécs. XVII-XVIII. Na sua frontaria, há cruces de sagração medievais, sagração que é lembrada numa lápide por cima da porta. No interior existe uma imagem gótica, hoje uma Sta. Luzia mas que primitivamente devia ser uma Virgem Maria com o Menino, tendo este sido substituído, parece-nos, pelos atributos de Sta. Luzia. Esta devia ter sido a capela do solar. As ruínas deste encontram-se actualmente no meio de campos de cultivo, pertencem ao Município de Amares e estão classificadas como Imóvel de Interesse Público pelo dec. 37 077 de 29-9-1948⁽⁸⁾.

O solar dos Vasconcelos está assente num terraplano, o que faz com que três dos seus lados desçam abaixo do nível do andar térreo. Compõe-se de uma quadra, a torre, que mede 6m,10 por 6m,35 e que liga com outra

(5) Boüard, *loc. cit.*, pág. 146.

(6) Figueiredo da Guerra, *Torres solarengas do Alto-Minho*, Coimbra, 1925.

(7) As localidades de que nos vamos ocupar pertenciam aos julgados de Entre-Douro-e-Cávado, hoje concelho de Amares e aos de Regalados, Larim e Vila Chã, hoje concelho de Vila Verde e ao de Lanhoso, hoje concelho da Póvoa do Lanhoso.

(8) *Catálogo dos Imóveis Classificados*, 1975, pág. 22.

rectangular, que lhe fica um pouco oblíqua, por uma porta. O acesso exterior faz-se por uma porta de arco redondo que na face exterior mede 1 m e na interior 1m,45. A espessura das paredes é de 1m,80 e da parede interna é de 1m,10. A ligação entre a torre e a *aula* é feita por uma porta de arco de volta redonda abrindo para a torre e medindo 1m,45 no interior da torre e 1m,15 na exterior (a espessura de esta porta é, como se disse, de 1m,10). A parte mais alta das paredes atinge 3m,65.

A poente da torre alonga-se a outra parte do edifício, não perpendicularmente mas com ligeira obliquidade e com o eixo deslocado em relação à torre. Essa deslocação do eixo deve-se a que as paredes sendo menos espessas (medem 1m,10 de espessura) vão na face norte alinhar (com a referida obliquidade) com a face externa da parede da torre e a sul com a face interna pelo que fica externamente recuada de 0m,70. Na parede norte abre-se outra porta, também de arco redondo, medindo de largura 1m,55, no exterior e 2m,25 no interior. As medidas totais desta parte do edifício são 6m,80 de largura e possivelmente 14m,50 de comprimento. Esta medida é relativa à parte existente pois que a parede poente desapareceu totalmente mas parece, pelo aspecto do existente, que devia estar onde hoje termina a parede norte. Actualmente a parede sul mede só 13m. A altura máxima destas paredes é certamente de 3m,65.

Como se vê esta edificação encontra-se bastante arruinada não só na altura mas também lhe faltando a parede poente, mas ainda assim o seu valor é muito grande. Este estado de ruína não é recente, embora se tenha vindo a acentuar. Em 1638, isto é há 340 anos, o Dr. João Salgado de Araújo, abade de Pera⁽⁹⁾, informava que a terra nessa época media 40 palmos (8m,80) de altura ou seja mais 5m,15 do que hoje mede. Para terminar esta descrição referiremos mais que todas as portas são de arco redondo nas duas faces à excepção da que na torre abre o exterior que, na face interna, apresenta um arco abatido.

Terminada esta sucinta descrição vamos tentar averiguar por quem e quando teria sido construído este palácio.

Pedro de Azevedo averiguou⁽¹⁰⁾ que a mais antiga referência a um Vasconcelos data de 1258⁽¹¹⁾ altura em que também é atestado que o lugar com esse nome é honra. Mais tarde, nas Inquirições de 1288, ao ser tratado da freguesia de Sta. Maria de Ferreiros é reafirmado que Vasconcelos é honra e pertença de Rodrigo Anes e Pedro Anes e que parecia à testemunha que ela vinha do tempo de D. Egas Fafes⁽¹²⁾. Sete anos depois

(9) Dr. João Salgado de Araújo, abade de Pera, *Sumario da familia illustrissima de Vasconcelos, historiada e com elogios*, Madrid, 1638, cit. por Domingos O. Silva, *Entre-Homem-e-Cávado II Amares e Terras de Bouro*, Amares, 1958-1959, 2 volumes.

(10) Pedro de Azevedo, *Os de Vasconcelos*, «*Archivo Historico Portuguez*» vol. II, Lisboa, 1904.

(11) *Inquirições de D. Afonso III*, liv. 9, 1.ª alçada Entre-Cávado-e-Minho, freg. de Sta. Maria de Ferreiros, in PMH, *Inq.* pág. 426.

(12) ANTT, *Inquirições de D. Dinis*, Liv. 1.º, primeira comissão das Inq. sobre honras e devações, fl. 3.

vamos encontrar nova referência em dois documentos transcritos no Tombo do Mosteiro de Arouca, conhecido por Tombo de D. Mór Martins, datados de 1265⁽¹³⁾.

O primeiro é uma procuração de D. Sancha Peres datada de 6 de Janeiro de 1265, em que esta delega em seus sobrinhos, Rodrigo Anes e Pedro Anes, poderes para estes poderem trocar bens que possui na Terra de Santa Maria por outros existentes em Vasconcelos pertencentes à abadessa de Arouca D. Mór Martins.

O outro documento é a carta de troca dos bens referidos no anterior. Os que D. Mór dispunha recebera-os nas partilhas de sua mãe D. Estevainha Soares. Note-se que a propriedade de um terço da igreja de Sta. Maria de Ferreiros, a paróquia de Vasconcelos, continua na posse do mosteiro de Arouca. Como testemunhas desta troca figuram os nomes de Martim Fernandes Machado e Rodrigo Afonso da Torre. O primeiro irá interessar-nos mais adiante e o segundo deve estar relacionado com os Vasconcelos pois que o pai de D. Sancha foi Pedro Martins da Torre. Não sabemos porque foi usado este designativo de Torre e não o de Vasconcelos que logo a seguir aparece. A explicação poderá estar em que então a torre ainda não era conhecida por Vasconcelos já que as Inquirições de D. Dinis informam que Vasconcelos é honra porque é «herdamento dos de Vasconcellos & ganharonna do espitall per escambo»⁽¹⁴⁾, assim só depois desta altura é que possivelmente a torre tomou o nome de Vasconcelos.

Relacionemos estes personagens.

D. Egas Fafes, filho de D. Fafes Luz, tendo casado com D. Mór Mendes de Sousa⁽¹⁵⁾ foi pai de D. Sancha (ou Froile) Viegas que casou com D. Soeiro Tortás⁽¹⁶⁾. Deste matrimónio nasceu D. Estevainha (ou Stephania) Soares que casou com D. Martim de Ribavizela nascendo então D. Mór Martins, a abadessa de Arouca. Saliente-se mais que foi D. Egas Pais que edificou Rendufe, mosteiro vizinho de Vasconcelos⁽¹⁸⁾ e que este mosteiro irá ficar na família dos Vasconcelos.

Assim se justifica que D. Mór Martins tivesse possuído Vasconcelos, pois este local estava nas terras de sua família.

(13) *Tombo de D. Mor Martins*, fls. 60 r. e 60 v., transcritos em P. de Azevedo, *ob. cit.*, pág. 19.

(14) Cit. por Pedro de Azevedo, *ob. cit.*, pág. 21, nota V; Eugénio de Castro, *Os meus Vasconcelos*, Coimbra, pág. 7; Braamcamp Freire, *Os brazões da sala de Cintra*, I, 1899, pág. 170; Gama Barros, *História da Administração pública em Portugal nos sécs. XII a XV*, 1.ª ed., pág. 443; J. R. Figueiredo, *Nova História de Malta*, 1, pág. 350

(15) *Livros de Linhagens, Livro Velho I*, Lisboa, 1960, p. 106, *Livro Velho II*, Lisboa, 1961, pág. 34; José Mattoso, *O mosteiro de Rendufe*, Bracara Augusta, vol. XXIII, n.º 56, Braga, 1969, árvore genealógica.

(16) Ver nota 15.

(17) Ver n. 15.

(18) *LVI*, págs. 34, 75, 100, *Nobiliário do Conde D Pedro*, PMH, SS, págs. 324, 329, 373; Mattoso, *ob. cit.*, pág. 10.

Passemos agora a analisar a genealogia da nova proprietária de Vasconcelos.

D. Sancha Peres era irmã de João Peres de Vasconcelos, o Tenreiro, sendo filhos de Pedro Martins da Torre e de D. Teresa (ou Maria) Soares da Silva⁽¹⁹⁾, irmã da já citada D. Estevainha⁽²⁰⁾. Mas antes, conforme nota de Pedro de Azevedo⁽²¹⁾, de Vasconcelos passar às mãos de D. Sancha em 1265 já os seus sobrinhos Teresa Anes e Rodrigo Anes, este iria ser seu procurador na compra de Vasconcelos, tinham sido criados na freguesia de Sta. Maria de Ferreiros, a freguesia a que pertence Vasconcelos⁽²²⁾. É a partir de uma data próxima de 1265 que a família adopta o apelido de Vasconcelos pois até aí, como já notamos, usava o de Torre. D. Sancha Peres que se casou em primeiras núpcias com D. Mento Afonso de Santarém (razão porque na escritura refere esta localidade e talvez também razão porque na troca de Vasconcelos D. Sancha nomeou procuradores, encontrar-se-ia então em Santarém) e em segundas com João Gomes Barreto. Relembremos que esta senhora era prima de D. Mór Martins e portanto descendia de D. Egas Fafes. Morreu sem descendentes.

Mas quem teria então construído Vasconcelos tal como se encontra hoje?

João Peres de Vasconcelos, o Tenreiro viveu no reinado de D. Sancho II e teve cinco filhos entre eles D. Estevão Anes, bispo de Lisboa, Rodrigo Anes e Pedro Anes⁽²³⁾. João Peres de Vasconcelos desafiou o rei D. Sancho não comparecendo quando este o convocou para responder pela morte de Aires Anes, o qual matara um primo do Tenreiro. Por esse facto foi condenado à morte à revelia⁽²⁴⁾. O desafio à autoridade central continua na pessoa de seu filho conforme se lê nas Inquirições de D. Dinis de 1301⁽²⁵⁾ e de 1308⁽²⁶⁾. O inquiridor João Cesar verifica que no Julgado de Entre-Homem-e-Cávado não existem nem Juiz, nem Tabelião nem Porteiro, nem Mordomo pois que nenhum quer aí entrar por João Peres de Vasconcelos não o consentir. O mesmo acontece em outras freguesias como Verim, Vilar do Monte, S. Salvador de Amares, Santa Maria de Águas Santas por oposição de Rodrigo Anes de Vasconcelos (em Verim) e Mem

(19) *LVII*, págs. 35, 36. O *LVI* o 1.º que refere é João Peres de Vasconcelos no seguimento da genealogia da sua mulher, Maria Soares Coelho, sua prima, págs. 77 e 78; E. de Castro, *ob. cit.*, pág. 8; P. de Azevedo, *ob. cit.*, págs. 9 e 10; J. Mattoso, *ob. cit.*, arv. gen.

(20) Eram filhos de D. Soeiro Peres da Silva e de sua mulher Froilhe Viegas (*LVI*, pág. 35).

(21) P. Azevedo, *ob. cit.*, pág. 9.

(22) *Inquirições de D. Afonso III, 1258*, 1.ª alçada, *PMH Inq.*, I, pág. 426. Eram sobrinhos de D. Sancha visto serem filhos de seu irmão D. João Peres de Vasconcelos.

(23) Obras citadas sobre os Vasconcelos.

(24) *Nobiliário do conde D. Pedro*, *PMH*, SS, pág. 317; E. de Castro, *ob. cit.*, pág. 9.

(25) *ANTT, Inquirições de D. Dinis de 1308* Liv. 3.º fls. 1 a 17.

(26) *ANTT, Inq. de D. Dinis de 1308*, Liv. 7, fls. 16, 24 e 24v. e Liv. 8, fls. 61 e 71, as partes que interessam foram publicadas por P. de Azevedo, *ob. cit.*, p. 21 e 22.

Rodrigo de Vasconcelos seu filho (Souto de Porcos e Águas Santas). Em todos estes casos os Inquiridores ordenam que se entre na legalidade.

Se assim procediam os Vasconcelos é porque possuíam força e essa vinha-lhes por um lado pelo grande número de terras que possuíam e por outro, certamente, porque essas terras estavam fortificadas. Assim e atendendo ao seu aspecto arquitectural podemos situar a construção do solar de Vasconcelos na época de João Peres de Vasconcelos e de seus filhos ou seja nos reinados de D. Sancho II, D. Afonso III e D. Dinis, com maior probabilidade na do primeiro, pois é daí que datam os desafios à autoridade real e que no de D. Dinis Mem Rodrigues constroi a Torre de Penagate para se defender dos seus parentes. De passagem note-se que Rodrigo Anes de Vasconcelos foi um dos trovadores que aparecem no Cancioneiro da Ajuda ⁽²⁷⁾.

1.2 Torre de Dornelas

Situa-se na freguesia de S. Salvador de Dornelas e assenta num outeiro, daí ser conhecida por torre do Outeiro. Está incluída num solar do séc. XVII mandado construir, conforme inscrição existente na entrada do andar nobre que diz que Francisco de Sousa Teixeira e sua mulher Isabel de Oliveira mandaram fazer essa casa entre 1672 e 1682 ⁽²⁸⁾. Tanto quanto se sabe esta casa já pertencia aos antepassados do construtor do solar actual no séc. XVI, seus quartos avós maternos viviam no Outeiro. Hoje também já não pertence aos descendentes de Francisco de Sousa Teixeira.

Actualmente a torre tem ainda 14 metros de altura. O seu acesso fazia-se por uma porta de arco redondo a alguns metros do solo, tendo-lhe sido quebrado o patamar, e no seu paramento existem algumas aberturas em forma de seteira. A sua observação torna-se hoje bastante difícil pelo facto de dois dos seus lados estarem incluídos na construção, os restantes encobertos por ramadas e o acesso ao interior ser actualmente praticamente impossível visto só se fazer pela porta alta e nesse interior já não existir qualquer pavimento.

Em informação prestada ao P.^o Luís Cardozo em 2 de Maio de 1758 para o seu *Dicionario Geographico de Portugal* ⁽²⁹⁾ diz-se que a torre dentro da Quinta de Luís Lázaro Pinto Cardozo não está arruinada mas sim diminuída na sua altura. Este era casado com a filha de Francisco de Sousa Teixeira, quem mandou lavrar a pedra de armas do portão ⁽³⁰⁾ e possivelmente construir a capela.

⁽²⁷⁾ Ed. publicada por Carolina Michaellis de Vasconcelos, Halle, 1904, vol. II, pág. 557 e 558. Dele conhecemos 3 cantigas de amigo e 3 de amor.

⁽²⁸⁾ Artur Vaz-Osório da Nóbrega, *Pedras de Armas e armas tumulares do Distrito de Braga*, vol. III, *Terras de Bouro de Amares*, Braga, 1973, págs. 60-67.

⁽²⁹⁾ Manuscrito do ANTT, tomo XIII, Dornelas.

⁽³⁰⁾ Vaz-Osório da Nobrega, *ob. cit.*, pág. 60 e segts.

A referência mais antiga a esta Torre aparece em 1258 nas Inquirições de D. Afonso III⁽³¹⁾ e pouco depois João Fernandes Franco⁽³²⁾, o senhor da Torre, casa com Teresa Anes de Vasconcelos, filha de João Peres de Vasconcelos, o Tenreiro, casamento do qual surgem os Ornelas. Este casamento deve ter tido lugar no início do séc. XIV ou fins do XIII⁽³²⁾, época em que a torre já existia.

É natural não ter sido João Fernandes Franco o construtor dela mas não lhe será muito anterior.

1.3 Torre de Castro

Na freguesia de S. Martinho de Carrazedo ergue-se a torre de Castro. Está assente numa pequena elevação e possivelmente no mesmo local onde assentaria um castro romano de protecção à via designada por Geira que atravessaria o Cávado entre esta freguesia e a de Lago. No interior da torre, no andar térreo, ainda se vê uma pedra almofadada e o local é fértil em fragmentos de tégulas.

Está hoje incorporada num solar do séc. XVI, mandado construir possivelmente por Francisco da Silva, e alterado nos fins do séc. XVII por António Felix Machado, marquês de Montebelo⁽³⁴⁾.

Na torre sob as armas dos Machados, que aí foram introduzidas, vê-se uma lápide que diz que ela foi reformada por D. António Felix Machado e sua mulher Luiza em 1699.

Mede de altura 14m,66 e de lado 8m,50, o varandim que a circunda tem de altura 1m e as ameias em número de 10 tem 0m,80 de alto e 0m,30 de largura. Na espessura das suas paredes foram abertas janelas e varandas. Nos quatro cantos o varandim é saliente e tem a função de matacões o que possivelmente indica que a torre inicialmente não teria nenhuma edificação adossada. Na cornija que é saliente existem, junto aos salientes do varandim, gargulas, umas de canhão e outras historiadas, tendo sido uma delas quebrada em tempo relativamente recente por ostentar uma figura semelhante a outra existente na abside da Sé de Braga e a outra da torre da N.^a Sr.^a da Oliveira, Guimarães. A torre de Gomariz ainda possui uma gárgula idêntica.

A referência mais antiga a este monumento aparece, não directamente à torre mas a uma quinta de Castro, nas Inquirições de 1258 que infor-

(31) PMH, *Inq. de D. Afonso III*, 1.^a alçada, pág. 425.

(32) LVI, pág. 78, Domingos Silva, *ob. cit.*, pág. 260.

(33) Domingos Silva, *ob. cit.*, ao referir esta torre diz que ela terá sido construída segundo os moldes de uma existente na vizinha freguesia de Figueiredo, designada por torre de Vilar, solar dos Abreus e Lima, que ainda pertence a descendentes dos Machados unidos aos Sás da Casa da Tapada, fundada pelo poeta Sá de Miranda.

(34) Na torre há uma inscrição que se refere a estas obras e junto à casa ainda existem ruínas de um novo solar que, possivelmente, não chegou a ser terminado. Vaz-Osório da Nóbrega, *ob. cit.*, pág. 245 e segs., Carlos Azevedo, *ob. cit.*, pág. 128. Domingos Silva, *ob. cit.*, pág. 244 e segs., Marquês de Montebelo, *Memorial*, Madrid, 1642, José Machado, *Palácios, Castelos e Solares Portugueses*.

mam que essa quinta pertenceu a Rui Vicente de Penela e que por ser de fidalgos está honrada. Este Rui Vicente de Penela viveu na primeira metade do séc. XIII e uma filha sua, D. Mécia Rodrigues, casou com Rodrigo Anes de Vasconcelos⁽³⁵⁾, filho de João Peres de Vasconcelos a que atrás nos referimos. O Livro Velho I⁽³⁶⁾ acrescenta que Rui Vicente de Penela era filho de D. Vicente Rodrigues de Penela casado com uma cuvilheira da rainha D. Urraca, que com esta viera e «era molher pouco filha-dalgo». Rui Vicente casou com D. Froille, filha de Estevão Soares de Belmir e de outra cuvilheira que viera com D. Urraca⁽³⁶⁾. Do casamento de Rodrigo Anes de Vasconcelos com D. Mécia nasceram dez filhos entre os quais Mem Rodrigues de Vasconcelos, o mais velho, e D. Maria Rodrigues de Vasconcelos, senhora da casa de Castro que casou com Vasco Pais de Azevedo, senhor da casa de Azevedo. Sucedeu-lhes nas duas casas o seu filho, Gonçalo Vasques de Azevedo e a este sucedeu-lhe seu filho Diogo Gonçalves de Castro, que tomou este apelido conforme informa Sousa Machado por ter reedificado a casa de Castro⁽³⁷⁾ nos inícios do séc. XIV. O neto do anterior, Lopo de Azevedo, tomou parte na batalha de Alfarrobeira (1449) ao lado do infante D. Pedro pelo que os seus bens lhe foram confiscados. Assim a casa de Castro passou à coroa e D. Afonso V fez doação dela e de outros bens ao seu partidário Pedro Machado, neto de Gonçalo Machado, alcaide de Lanhoso em 1410⁽³⁸⁾. Pedro Machado recebeu além da torre as terras de Entre-Homem-e-Cávado com jurisdição de civil e crime (29 de Abril de 1450) com a condição de pagar a D. Maria de Azevedo, viúva de Álvaro de Meira, as quinhentas coroas em ouro que D. João I lhe dera em casamento e de que aquela terra ficara de penhor.

A torre que actualmente existe deve ser a que Diogo Gonçalves de Castro redificou e António Felix Machado reformou abrindo-lhe as janelas e varandas.

2. CONCELO DE VILA VERDE

2.1 Torre de Penagate

Situa-se na freguesia de S. Miguel de Carreiras e foi edificada num alto. A seu lado foi construída a capela de N.^a Sr.^a da Pena pelo Dr. Miguel Valadares, cônego magistral de Guimarães e desenbargador de Braga, local onde foi sepultado.

O topónimo de Penagate é muito antigo pois que num documento de 1064 aparece como a nova designação do local anteriormente chamado

(35) *LVII*, pág. 36; *LVI*, págs. 79 e 95.

(36) Era a mulher de D. Afonso II e filha de D. Afonso VII, de Castela. Faleceu em Coimbra em 1220.

(37) José de Sousa Machado, *O poeta do Neiva*, Braga, 1929, pág. 279.

(38) Sousa Machado, *ob. cit.*, pág. 279 e 280.

Penela (*Liber Fidei*, doc. 241, doação ao mosteiro de Sto. Antonino de Barbudo⁽³⁹⁾) e num de 1102 vê-se que Penagate designava um monte⁽⁴⁰⁾. As Inquirições de D. Afonso III (1258), 1.^a alçada, julgado de Vila Chã, dizem-nos que Penagate nessa altura era honra. Pertenceu ao concelho de Vila Chã até 24 de Outubro de 1855, data da extinção desse concelho, passando então para o de Vila Verde. Em 1617 pertencia ao Dr. Manuel Valadares e hoje pertence a Carlos Chambers.

Foi daqui que Egas Pais de Penagate tirou o seu sobrenome, o que não podemos dizer é que possuísse aí qualquer habitação, o que no entanto é crível. Certo é que o edifício que hoje existe é obra de Mem Rodrigues de Vasconcelos.

Este é de toda esta série de monumentos o melhor documentado pois conhecemos o acto que autorizou a sua construção.

Mem Rodrigues de Vasconcelos, a quem já fizemos referência, ao tratar do solar dos Vasconcelos, acompanhou D. Dinis nas suas dissensões com o filho e foi por este rei autorizado em 5 de Outubro de 1322⁽⁴¹⁾ a construir uma casa fortificada na sua herdade do couto de Penagate afim de se pôr a salvo dos seus inimigos, os quais foram grangeados também pelo facto de ele ser meirinho-mor de Além-Douro pois, como vimos ao tratar de Vasconcelos e conforme as Inquirições informam, na Terra de Entre-Homem-e-Cávado não entrava a justiça real por a tal se opôr Pedro Anes de Vasconcelos, tio de Mem Rodrigues. Esta torre conforme nos diz a autorização real destinava-se a possibilitar Mem Rodrigues a pôr a salvo o seu corpo e o de sua mulher e filhos resguardando-se dos inimigos que tinha feito ao serviço do rei.

Nas notas recolhidas pelo inquérito oficial para a elaboração do *Diccionario Geographico de Portugal* por Luís Cardoso⁽⁴²⁾ existe na referente à freguesia de S. Miguel de Carreiras (a antiga Christello) uma datada de 1758 e da autoria do pároco da freguesia em que se lê:

«Junto desta cappella (de Nossa Senhora da Pena de Cima) está hũa torre com ameyas toda de pedra de esquadria bem feita fundada sobre hũa penha de sorte que para entrar dentro he necessario por scada á penha, para, subindo, entrar pela porta... Chama-se torre de Penagate e he aquella de que fas memoria a Nobiliarchia Portugesa no capitulo quarto nomeando por fundador a Mem Rodrigues de Vasconcellos, e hoje pertence a D. João Manoel de Menezes, senhor da Villa da Barca, e da casa de Freyriz...»⁽⁴³⁾.

(39) *Liber Fidei*, ed. de Avelino Jesus da Costa, Braga, pág. 284.

(40) *Documentos Medievais Portugueses*, III, *Documentos particulares* n.º 49, ed. de Rui de Azevedo, Lisboa, 1940 pág. 43: Narrativa da fundação do mosteiro de Sto. Antonino de Barbudo e inventário dos seus bens.

(41) José de Sousa Machado, *Alvaro de Braga*, 1900, pág. 93 e ANTT, Chancelaria de D. Dinis, III, fl. 146 v.

(42) Ms. do ANTT vol. IX, 1008.

(43) Reproduzido de Pedro de Azevedo, *ob. cit.*, pág. 15.

O que se acaba de transcrever é o que actualmente se vê tendo só a acrescentar de que na fachada poente existe uma varanda com matacões e nas outras faces janelas de volta inteira e outras trilobadas.

Curiosamente o P.^o Carvalho da Costa escrevendo quarenta anos antes⁽⁴⁴⁾ diz que da torre só existiam ruínas o que, a não se tratar de outra, o que não é crível porque senão ter-se-ia referido a esta também, possivelmente se poderá atribuir ao facto de só existir a torre e não haver casa ou talvez por o interior dela estar arruinado.

Carlos Chambers ao restaurá-la alterou-lhe o número de ameias⁽⁴⁵⁾ e abre passagem de uma casa actual para a torre⁽⁴⁶⁾.

No interior da torre existe uma inscrição gótica que só conheço de fotografia mas que devido a «avivamentos» de letras se torna de muito difícil leitura. Magos⁽⁴⁷⁾ cita Mons. Mosquera que leu «esta torre foi mandada fazer por D. Egas Pais de Penagate» o que de facto lá não está escrito. Só uma leitura directa poderia permitir estabelecer o texto.

A casa ao lado, ameada, é recente.

Fundamentalmente o interesse deste monumento reside em estar datado e existir a autorização da sua fundação.

2.2 Torre de Gomariz

Deve ser de todos estes monumentos por nós apresentados o mais recente e que possivelmente não está ligado aos Vasconcelos ou Machados.

Situa-se na freguesia de Cervães e na opinião de Carlos Azevedo⁽⁴⁷⁾ «se reveste de uma importância especial por nos legar o tipo acabado da casa-torre com anexo, embora este seja já reedificação do séc. XVIII. Mesmo assim, é fácil ver que continua uma disposição mais antiga...».

Esta torre está hoje bastante arruinada já que um dos cunhais ruiu na parte superior, faltam-lhe várias ameias e o interior dela, bem como o da casa que lhe fica anexa ruíram também.

É uma torre quadrangular com quatro varandins matacões nos ângulos. A cornija é ornamentada por uma linha ondeada e dela saem gárgulas, umas de canhão e outras zoomórficas. Em especial uma delas é muito semelhante a uma existente na torre da N.^a Sr.^a da Oliveira (Guimarães) e a outra da ábside da Sé de Braga. O primeiro destes monumentos é do séc. XIII com alterações introduzidas por Diogo Pinheiro no início do séc. XVI e o segundo foi concluído em 1509. Por estes elementos e pelas gárgulas de canhão características do século de quinhentos poderemos concluir que se trata de uma construção do séc. XVI. É uma edificação qua-

(44) P.^o António Carvalho da Costa, *Chorografia Portuguesa*, 1.^a ed. Lisboa, 1706-12, 2.^a ed. Braga, 1868-69.

(45) Artigo do «Vilaverdense» de 2 de Abril de 1961 assinado por Magos.

(46) «Vilaverdense» de 21 de Maio de 1961. O artigo da nota anterior origina troca de opiniões entre Magos e NH. Além deste ver mais 18 de Junho, 16 de Julho, 19 de Fevereiro de 1962, 2 de Abril e 21 de Maio.

(47) Carlos de Azevedo *loc. cit.*, pág. 146.

drada medindo de lado 5m,80 e de altura cerca de 12 metros. A espessura das paredes é de 1m,40 no rés do chão, 1m,17 no primeiro e segundo andares e de 0m,94 no terceiro. No rés do chão abre-se uma porta rectangular, nos primeiro e segundo andares quatro janelas rectangulares de varanda em cada um e no terceiro quatro janelas geminadas de arco, com bancos de pedra.

A notícia mais antiga aparece-nos em 1296, altura em que a quinta de Gomariz é adquirida pelo cón. Estevão Durão Esteves, contador do rei D. Dinis e abade de Cervães que a vinculou à capela de Sta. Luzia que ele instituiu na Sé Primaz⁽⁴⁸⁾. Em 1374 a administração da capela que tinha pertencido inicialmente os possuidores de Gomariz estava na posse do cabido altura em que este a emprazou a Diogo Gonçalves Cerqueira, prazo este renovado em 1444, 1476 e reformado em 1531 a favor de Constança Soares, viúva de Pedro da Cunha, que segundo José Machado⁽⁴⁹⁾ foi quem edificou a torre por nela figurarem as armas dos Cunhas. Carlos de Azevedo⁽⁵⁰⁾ aceita esta hipótese.

3. PÓVOA DO LANHOSO

3.1 Torre de Geraz

Situa-se na freguesia de Sto. Estevão de Geraz, que pertenceu anteriormente, até 31 de Dezembro de 1853, ao concelho de S. João de Rei e depois da extinção deste ao da Póvoa do Lanhoso.

Foi aqui, em Barredo, que teve assento o solar da família de D. Maria Pais, a Ribeirinha. Próximo encontra-se o couto de Pousadela (Monsul) que D. Sancha I lhe deixou em testamento⁽⁵¹⁾ e em frente o Mosteiro de Sta. Maria de Bouro onde ela jaz.

Esta torre foi habitada pelos Machados, de quem já nos ocupamos ao tratar da torre de Castro, até 1450 data em que Pedro Machado, senhor de Entre-Homem-e-Cávado, se fixou em Castro. Há a tradição de que o fundador desta torre foi D. Monio Osores⁽⁵²⁾.

Actualmente a torre é um restauro do seu proprietário, o Marquês de Viana, conforme lápide existente na casa. Ribeiro da Cunha refere-se a um restauro de 1923 e publica uma fotografia dela anterior a esse res-

(48) José Machado, *ob. cit.*, VIII, Torre de Gomariz, II. Port. II série, n.º 14 de 28 de Maio de 1906 pág. 432.

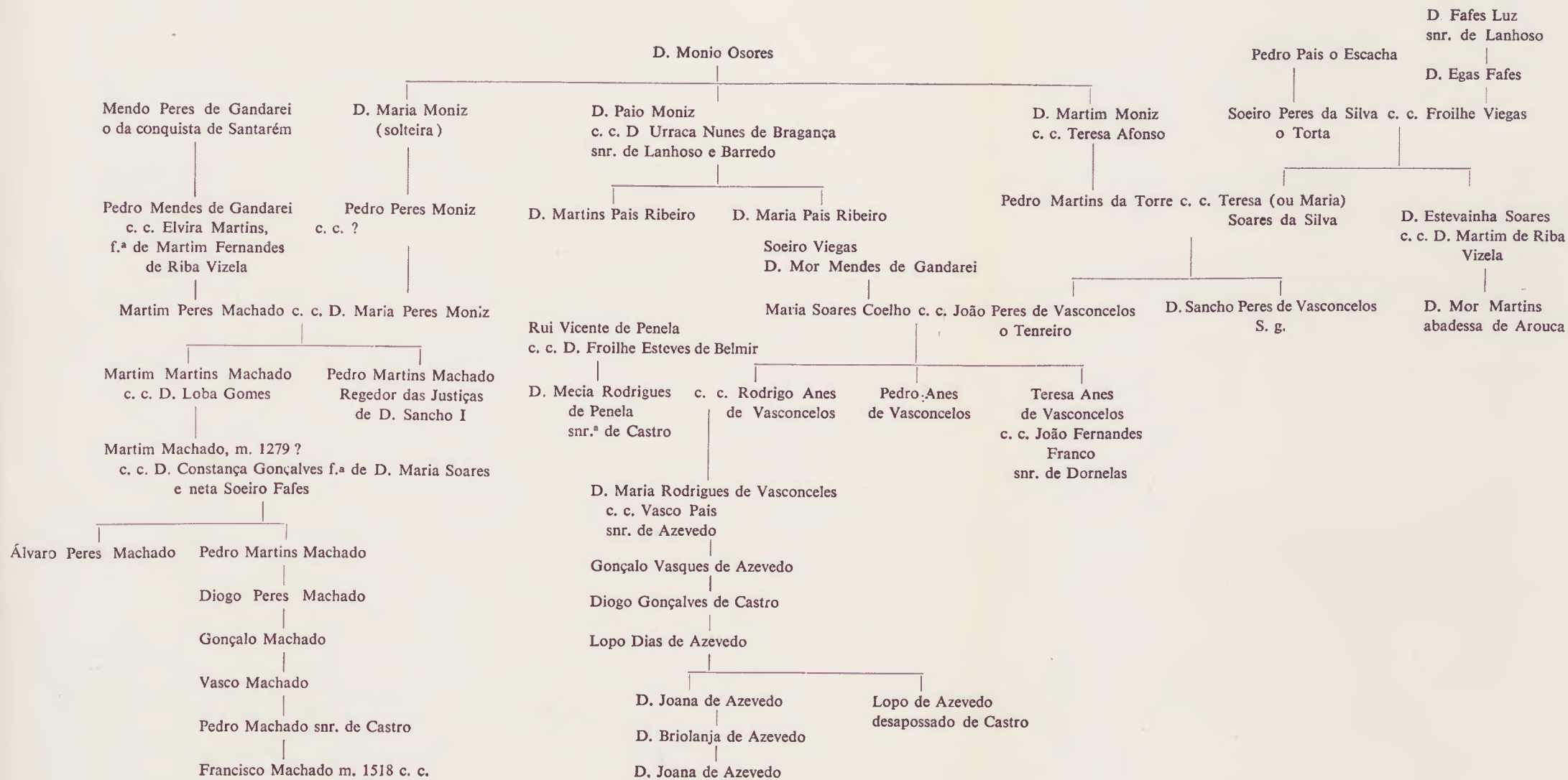
(49) Ver nota 48.

(50) P. de Azevedo, *ob. cit.*, pág. 146.

(51) Carlos da Silva Tarouca, *O cartulário do Mosteiro de Sta Clara de Vila do Conde*, «Arqueologia e História», vol. IV, Lisboa, 1947, pág. 36.

(52) LVI, pág. 29 e 32; LVII, págs. 54, 56, 84, 87 e 119.

(53) Felgueiras Gayo, *Nobiliário das famílias de Portugal*, t. XIX, Braga, 1939, tit. *Machados*, pág. 62; Arlindo Ribeiro da Cunha, *Os Machados da Torre de Geraz*, «Distrito de Braga», vol. I, Braga, 1961 (sep.).



O DISTRITO DE BRAGA

(The following table contains extremely faint text, likely bleed-through from the reverse side of the page. The content is illegible due to low contrast and blurriness.)

tauro onde se verifica que não possuía já ameias e o paço construído a seu lado estava igualmente em ruínas⁽⁵⁴⁾.

Esta torre apresenta a anomalia de não ser quadrangular mas trapezoidal. Na face poente dela está adossado o que resta de um solar do séc. XVI. A torre que possui gárgulas de canal tem na sua face norte janelas abertas possivelmente no séc. XVI.

CONCLUSÃO

Parece-nos ser do maior interesse:

1. Procurar restaurar, dentro do possível o solar de Vasconcelos, visto tratar-se de uma das mais antigas construções civis nacionais.
2. Notar a relação existente entre as torres estudadas, a família Vasconcelos e em especial a sua situação geográfica.
3. Aprofundar as relações dos vários ramos medievais desta família não só entre si mas com o poder central. Será uma família tipo da nossa Idade Média a qual chegou a possuir um poder pouco vulgar.

(54) A. R. Cunha, *ob. cit.*, pág. 14.

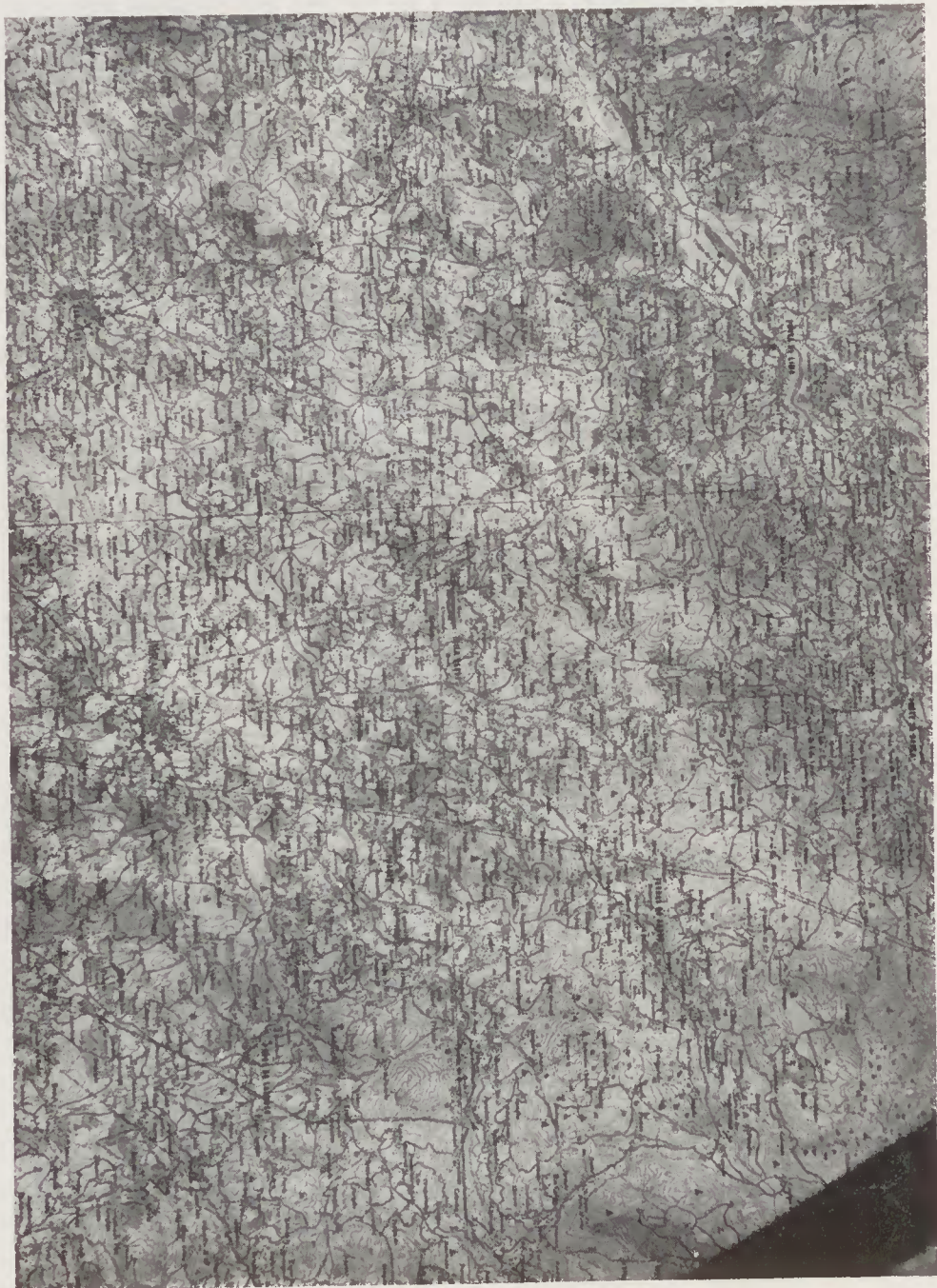


Fig. 1 — Carta indicando a posição relativa das várias torres estudadas. Igualmente estão indicadas as já desaparecidas de Figueiredo e Lago.



Fig. 3 — Vasconcelos: Planta do solar.



Fig. 4 — Vasconcelos: Vista interior do corpo do solar. Ao fundo a porta de acesso à torre.



Fig. 5 — Vasconcelos: Porta de acesso ao solar.



Fig. 6 — Vasconcelos: Porta da torre.



Fig. 7—Vasconcelos : Aspecto tirado do lado sul.



Fig. 8—Vasconcelos: Porta que liga a torre ao corpo do edificio.



Figura 9—Vasconcelos: Porta da entrada da torre, vista do interior.



Fig. 10 — Vasconcelos: Porta do corpo do edifício, vista do interior.



Fig. 11 — Vasconcelos: Capela de Santa Luzia.



Fig. 12 — Vasconcelos: Inscrição da porta da capela e cruzes da sagração.



Fig. 13—Dornelas: Porta de acesso em nível superior ao solo. Notar a soleira quebrada.



Fig. 14—Dornelas: Aspecto da torre e solar.



Fig. 15—Dornelas: Pedra de armas do portão.



Fig. 16—Dornelas: Capela e portão.



Fig. 17 — Crasto: Panorama tirado em 1906.



Fig. 18 — Crasto: Aspecto da torre em 1906.



Fig. 19 — Crasto: Aspecto do Solar em 1906.



Fig. 20 — Crasto: Aspecto actual da torre.



Fig. 21 — Crasto: Aspecto actual da torre e do solar.



Fig. 22 — Penagate: Aspecto da torre, fachada norte e nascente.



Fig. 23 — Penagate: Outro aspecto da torre, fachada sul.

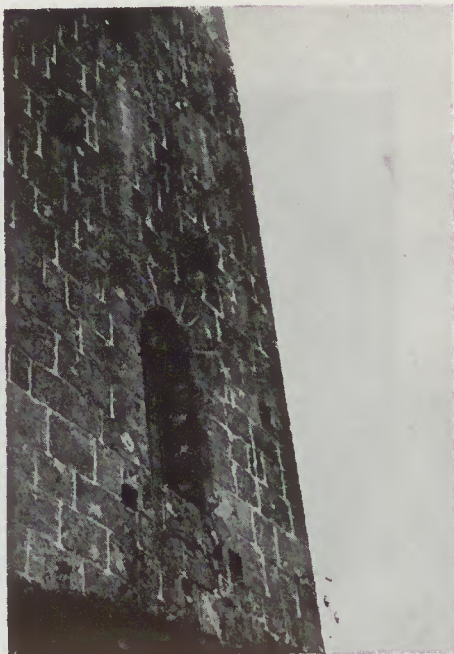


Fig. 24 — Penagate: Porta de acesso em nível superior ao do solo, fachada nascente.



Fig. 25 — Penagate: Fachada poente. Notar o varandim com matacães.

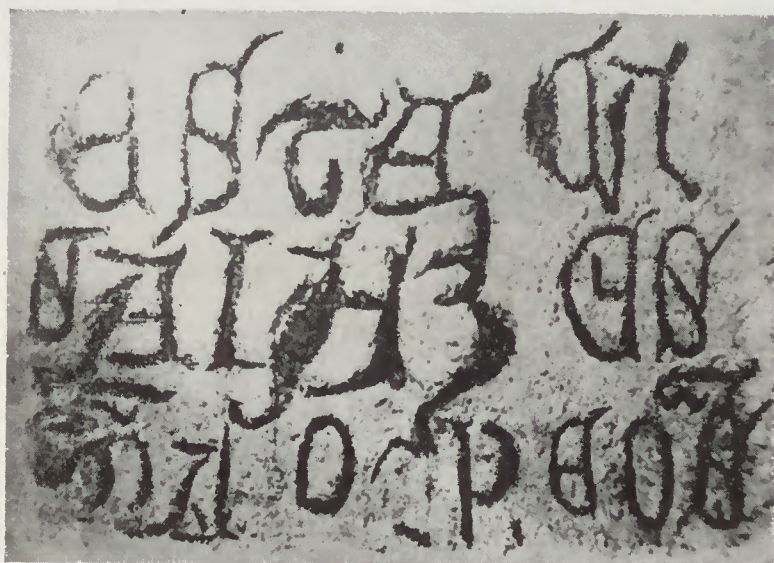


Fig. 26 A Penagate : A inscrição existente na torre. Reproduzido de Leonídio de Abreu, *História de Arte e Paisagens do Distrito de Braga*. I — *Concelho de Vieira do Minho*, Braga, 1963, pág. 43.



Fig. 27 — Gomariz: A capela e o portão, vendo-se ao fundo a torre com pedra de armas posterior. Notar a semelhança da organização com Dornelas.

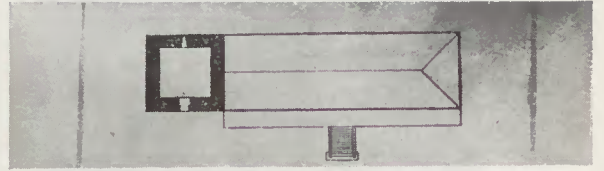


Fig. 28 — Gomariz: Planta, segundo Carlos Azevedo.



Fig. 29 — Gomariz: Ângulo da torre. Notar gárgulas de canhão e zoomórficas e a janela geminada.



Fig. 30 — Gomariz: Ângulo da torre. Notar gárgula em forma de pássaro e a ornamentação da cornija.



Fig. 31 — Gomariz: Gárgula semelhante à existente na torre de N.ª S.ª da Oliveira (Guimarães).



Fig. 32 — Gomariz: Aspecto do interior da torre. Notar no andar superior a janela geminada com bancos de pedra ornamentados.



Fig. 33 — Geraz: Aspecto da torre e solar.



Fig. 34 — Geraz: Outro aspecto da torre. Notar as gárgulas em forma de caleiro e a parede norte que não é perpendicular às outras.